

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA MODALIDADE DE ENSINO PARA SUPLÊNCIA OU FORMAÇÃO INTEGRAL DO INDIVÍDUO?

YOUNG ADULTS AND ADULTS EDUCATION: A TEACHING MODALITY FOR REPLACEMENT OR WHOLE PREPARATION OF THE INDIVIDUAL?

ANA ROSA ZURLO DELLAZZANA*
ROSEMAR DE FÁTIMA VESTENA**
MARIGLEI SEVERO MARASCHIN***
SILVIANI MONTEIRO SATHRES****

RESUMO

Neste trabalho, desenvolve-se o tema sobre Educação de Jovens e Adultos: uma iniciativa para a suplência ou formação integral do indivíduo. Essa modalidade de ensino, Educação de Jovens e Adultos, é de grande valor social, considerando que os alunos da EJA são trabalhadores e pessoas que não tiveram oportunidade de escolarização em tempo hábil. A LDBEN 9.394/96 contempla a EJA na seção V, capítulo II, artigos 37 e 38 e o Parecer n. 11/2000 do CNE, garantindo aos jovens e adultos a oferta de educação escolar adequada às suas necessidades, possibilidades e condições mínimas de acesso e permanência na escola. Dessa forma, é nítida a ampliação dos horizontes e das responsabilidades dos formadores dessa parcela da população que necessita de uma educação diversificada, contextualizada e plural, para permitir o ingresso desses jovens e adultos na sociedade do conhecimento, para o exercício de suas funções como cidadãos. Sendo assim, tem-se como objetivo nesta pesquisa, analisar o processo educativo proposto por algumas escolas da região central, que trabalham com a EJA. Verificou-se, após a análise e discussão dos dados, que as escolas estão investindo em metodologias adequadas, mas não possuem referenciais significativos. Constatou-se também que os alunos da EJA estão preocupados com a sua formação, para ascenderem no mundo da empregabilidade.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos; Suplência; Formação integral.

ABSTRACT

This paper is a research about the Education of Teens and Adults: an initiative for the replacement or for the whole preparation of the person, once this teaching modality, Education of Teens and Adults, is of a great social matter, since the students (ETA) are workers and people who did not have a proper education at school, while they were children, teens or adults in their own age-group. So the LDBEN 9.394/96, provide for the ETA in section V, chapter II, items 37 and 38 and the judgement n. 11/2000 of the CNE, ensuring the teens and adults an offer of an adequate education to their needs and possibilities, also to help in means of transportation to school and permanency at school. Therefore, it is very clear the extension of the horizon and the responsibilities of the teachers who need to think of a diversified education, contextualized and plural, to allow the admission of these young adults and adults in the knowledge society, granting them to exercise their duties as citizens. Thereby, the purpose of this research was to analyse the educational process submitted by some schools of the central area, which work with ETA. So, after the analysis and data discussion, it was verified that the schools are looking forward to investing in adequate methodologies for this range of education, but don't hold significant references. It was also found that the ETA students are concerned about their preparation (graduation), in order to rise in the world market.

Keywords: Young Adults and Adults Education; Replacement; Whole Preparation.

* Professora, Mestre em Educação/UFSM.

** Professora do Centro Universitário Franciscano, Mestre em Educação.

*** Pedagoga do CEFET/SVS - Unidade de Ensino Descentralizado de Júlio de Castilhos - UNED/JC; Mestre em Educação/UFSM.

**** Acadêmica do Curso de Pedagogia - Anos Iniciais/UNIFRA, bolsista.

INTRODUÇÃO

Alfabetização solidária, MOBRAL, supletivo... Há muitas décadas, o Brasil tenta remediar os graves índices de analfabetismo, semi-alfabetismo e as demandas dos setores de produção industrial e agropecuária, em busca de um profissional consumidor mais informado e qualificado. Ao final dos anos 80 e década de 90, houve profundas transformações na área de educação de jovens e adultos, principalmente no ponto de vista jurídico, político e pedagógico.

A Constituição de 1988, no seu artigo 208, escreve: “ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. Porém, somente com a LDBEN 9.394/96, houve então a normatização dessa modalidade de ensino e uma preocupação maior com o ambiente, os recursos e a metodologia. Após a LDB, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer n. 11/2000, que determina as Diretrizes Curriculares para a EJA.

Sendo assim, existem muitos desafios na EJA e, nesta pesquisa, levantam-se dados junto aos professores e alunos em relação ao processo educativo proposto e evidenciado pelas escolas. Diante dessa realidade, surge o incentivo dos órgãos governamentais para implementar, nas escolas públicas, a educação de jovens e adultos. Sente-se a necessidade de investir em programas de formação inicial e continuada que, segundo Maraschin (2005),

possibilite ao professor uma participação mais ativa no universo profissional, político e cultural e que desen-

volva a autonomia e a capacidade de lidar com as transformações que vem ocorrendo na economia, na cultura e na sociedade (p.11).

Nas escolas, ao final do ano de dois mil e um, a partir das reuniões e consultas à comunidade para a construção do novo projeto político e pedagógico, apontou-se a necessidade de abraçar uma nova demanda de estudantes que já procuravam o ensino noturno, o supletivo, em busca de melhor qualidade de vida e de incentivo financeiro (ajuda de custos) para quem concluisse o ensino fundamental e médio. Com o intuito de averiguar e avaliar a realidade educacional dessa modalidade de ensino na região, no presente artigo, fornecem-se dados referentes às opiniões e análises feitas por professores e alunos de quatro escolas de Santa Maria e região. Para a análise, foram encontrados importantes contribuições sobre a EJA em trabalhos como de Veira Pinto (2003), Freire (1997 e 2000), Gadotti (2001), Haddad (1991), Morin (2004).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esta investigação foi a bibliográfica, a fim de, num primeiro momento, construir o referencial teórico que proporcionou a pesquisa. Após, foi realizada uma pesquisa descritiva, de campo, caracterizada, conforme Triviños (1987, p.110), “como exatidão dos fatos e fenômenos de determinada realidade”. Para Gil (1985, p.46), “as pesquisas descritivas têm, por objetivo primordial, a descrição de características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de

relações entre variáveis”. A análise e discussão dos dados foi realizada sob uma abordagem quali-quantitativa.

Segundo Minayo et al (1996, p.22), o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém não se opõe. Ao contrário, complementam-se, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

Assim, na referida pesquisa, analisa-se uma dada realidade. A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas estaduais dos municípios de Nova Palma e Faxinal do Soturno e em duas escolas estaduais de Santa Maria.

A população objeto de pesquisa foram os alunos e professores do ensino fundamental das referidas comunidades escolares que responderam aos questionários utilizados para a coleta de dados.

Após coletar os dados, estes foram tabulados, analisados, discutidos e apresentados em relatos. Os resultados da pesquisa foram apresentados e discutidos nas escolas, para encontrar alternativas à educação de jovens e adultos.

A EJA: UMA MODALIDADE DE ENSINO PARA SUPLÊNCIA OU FORMAÇÃO INTEGRAL DO INDIVÍDUO?

A trajetória histórica da educação de jovens e adultos remonta ao Brasil Colônia, quando os jesuítas tiveram a iniciativa de catequizar os índios. No Brasil Império, atendeu à aristocracia portuguesa. Partese, então, para a Constituição Brasileira de 1824 que apresentou a instrução primária e gratuita para todos os cidadãos.

A partir da década de 20, com o discurso dos renovadores escolanovistas, é exigida do Estado a responsabilidade sobre a educação de jovens e adultos. Decreto n. 16.782, de 13 de janeiro de 1825 (Reforma Jânio Alves), estabeleceu a criação de escolas noturnas para adultos. Nos anos 30 e principalmente nas décadas de 40 e 50, a educação de adultos começou a se firmar como questão política nacional, porque surgiram novas idéias a respeito da educação, as quais romperam com o sentido verbalista, aristocrático, elitista e reconheceram que todos têm o direito à educação, a partir de suas aptidões naturais e não da situação econômica e social. Com isso, pelo Decreto n. 18.513/45, o governo federal destinou 25% de auxílio para a educação primária de adolescentes e adultos analfabetos.

Em 1947, surge o SEA – Serviço de Educação de Adultos. Na década de 50, são criadas as CEEA – Campanhas da Educação de Adolescentes e Adultos; em 1952, da Educação Rural, e, em 1958, da Erradicação do Analfabetismo. Há, portanto, nesse período, uma grande expansão do ensino e uma grande redução do analfabetismo.

Na década de 60, a preocupação era contemplar o direito à escolarização daqueles que não tiveram acesso a ela na infância e na adolescência. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024/61, o ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e, para os que iniciam após essa idade, haveria a formação nos cursos supletivos. Os maiores de 16 anos poderiam prestar exames de maturidade e os maiores de 19 poderiam obter certificado do curso colegial. Nesse período, a tendência era de educação libertadora,

conscientizadora e também de educação funcional, preparando para a mão de obra produtiva. Nessa fase, há a importante presença do educador Paulo Freire com sua proposta fundamentada no paradigma teórico-progressista, tecendo um novo olhar para a educação de jovens e adultos, interrompido com a ditadura militar.

Surge o MOBRAL, em 1967, permanecendo até a década de 80. Em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 5692/71, há a implantação do Ensino Supletivo com a finalidade de suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não tinham seguido ou concluído o estágio escolar na idade própria, aliando a idéia de aceleração escolar. Assim, foi estabelecido um controle conservador e centralizador de acordo com a nova composição política, tratando, como suplência, a educação de jovens e adultos.

Com a queda do regime militar, em 1985, período de redemocratização das relações sociais e das instituições políticas brasileiras, o MOBRAL foi extinto, sendo implementada a Fundação Educar, para promover o atendimento às séries iniciais do 1º grau, a produção de material e a avaliação de atividades, extinta em 1990.

Com a Constituição de 1988, foi ampliado o dever do Estado a todos aqueles que não tiveram escolaridade básica, exigindo a participação não só do governo, mas também da sociedade civil na supressão do analfabetismo. A modalidade de ensino para jovens e adultos, nesse momento, foi colocada no mesmo patamar das demais modalidades.

Hoje, a Educação de Jovens e Adultos – EJA não é apenas uma modalidade a mais de ensino, mas uma exigência de justiça so-

cial, em que devem ser oferecidas as oportunidades necessárias para minimizar o processo de exclusão social que se apresenta cada vez mais intenso. A EJA dá a possibilidade ao educando de ler, escrever e compreender a língua nacional, dominar símbolos e operações matemáticas, conhecimentos básicos de ciências sociais e naturais e acesso aos meios de produção cultural como lazer, arte, comunicação e esporte. Mas sua tarefa primordial deverá ser sempre a integração do processo educativo às dimensões das práticas sociais, da construção da cidadania e, principalmente, da valorização dos jovens e adultos que se encontram desvinculados dos direitos sociais.

Dessa forma, a LDBEN 9.394/96 contempla a EJA na seção V, do capítulo II, artigos. 37 e 38, e o Paracer n. 11/2000 do CNE trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, garantindo aos jovens e adultos a oferta de educação escolar adequada às suas necessidades e disponibilidades e também a garantia de condições mínimas de acesso e permanência na escola. Segundo Soares (2002), é de grande relevância a mudança de significado que a LDB trouxe para a EJA, hoje não é apenas “ensino”, mas “educação”. Dessa forma, amplia os horizontes e as responsabilidades acerca da formação plural que essa modalidade traz implícita.

A Educação de Jovens e Adultos, segundo Parecer CEB n. 11/2000, p. 5, organiza sua estrutura educacional em âmbito nacional, de forma específica, oferecendo uma escola de qualidade. Tem como prioridade oportunizar espaços democráticos de conhecimento com oportunidades reais e iguais para todos. Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos apresenta a

necessidade de uma organização curricular pautada na flexibilidade, em que uma das primeiras exigências constitui-se no estudo detalhado do contexto cultural do educando, tendo, na cultura regional, o ponto de partida para a apropriação da cultura elaborada e universal. Assim, apresenta-se pautada no ideário freireano, contempla a discussão e ampliação de saberes já construídos, bem como a organização e a sistematização de conhecimentos elaborados, oportuniza elementos de superação das diferenças sociais, construindo novos significados e novos universos simbólicos.

Segundo o parecer n. 11/2000, o tratamento didático dos conteúdos e das práticas não pode ser distanciado da especificidade da EJA nem do contexto multidisciplinar e interdisciplinar dos componentes curriculares, sendo evidente, dessa forma, que os conteúdos trabalhados devem ser de modo diferenciado, com métodos de acordo com o perfil do estudante.

Os jovens e adultos que procuram a modalidade de educação EJA são, na maioria das vezes, trabalhadores urbanos ou rurais e, por esse motivo, têm poucas oportunidades de utilizar o que é culturalmente produzido, por isso limitam-se a conhecimentos específicos do seu ofício. Na análise de Frigoto (1998), os ambientes de trabalho, educação e desenvolvimento, no Brasil hoje, são contraditórios, porque o atual rumo da educação em nosso país é o de preparar grande número de pessoas para atuar em um mercado de trabalho fictício, em que a possibilidade de reversão atualmente não é vislumbrada, mesmo se observada com boa dose de otimismo. Essa medida apenas massifica a formação acadêmica, sem, no

entanto, oferecer oportunidades reais de crescimento ao educando e muito menos resolver o problema do desemprego. Da mesma forma, o autor denuncia o modelo educativo, como constitutivo de uma nova forma de dominação, afirmando que

é falso ou uma ilusão e igualmente uma desonestidade, atribuir-se à educação básica, formação técnico-profissional e aos processos de qualificação e requalificação orientados pelo Banco Mundial, um peso unilateral da inserção de nossa sociedade no processo de globalização e reestruturação produtiva, e sobretudo como tábua de salvação para os que correm risco de desemprego ou para os desempregados (FRIGOTO, 1998, p. 48).

Nesse sentido, a ênfase educacional voltada para a perspectiva de formar o educando à reserva no mercado de trabalho é, sem dúvida, paradoxal ao modelo de educação para a formação política. Portanto, o autor defende uma proposta educacional abrangente, voltada para a formação do cidadão participativo, que desenvolva a capacidade de transformar a realidade através de seu próprio esforço e discernimento e conforme seus interesses e necessidades, propiciando sua inclusão no processo de evolução política e cultural no mundo do trabalho. Sobretudo, deve oferecer as bases para um desenvolvimento conjunto entre os setores econômico e social. Caso contrário, o atual ambiente educacional estará delimitado apenas ao nível de uma pseudo-solução, com o propósito apenas de fabricar meros espectadores da ordem social, incapazes de atuar com firmeza na nova dinâmica do contexto do trabalho que se caracteriza como competitiva e excludente, em que o fator sobrevivência não se encontra mais vinculado ao emprego

tradicional, mas sim à perspectiva do trabalho autônomo. Nesses mesmos termos, refere-se Gadotti e Romão (2001):

Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador (p. 32).

A educação na sociedade atual deve preparar para uma ação autônoma, com estruturas metodológicas flexíveis e relações pedagógicas humanizadoras, que permita aos educandos somar as condições mínimas para participar da cultura não apenas local, mas da esfera global, fazendo do mundo a sua localidade. Assim, a ampliação da consciência humana está diretamente relacionada ao compromisso da educação em assumir o seu devido papel, desenvolvendo a autonomia como instrumento primordial no desenvolvimento de um projeto de cidadania que promova a preparação integral do educando. Para contemplar esse ideal de educação, é preciso que a escola trabalhe paralelamente ao conhecimento técnico-científico a dimensão ético-política, haja vista que a educação integral deve desenvolver o “homem omnilateral” (GRAMSCI, 1989), e a consciência do educando em sua totalidade não deve privilegiar nenhuma das dimensões do conhecimento.

Portanto, evidencia-se a necessidade de uma educação mais ampla em que o conhecer é ação efetiva, ou seja, efetividade operacional no domínio de existência do ser vivo (MATURANA, 1995). A educação, nesse sentido, visa à ressignificação do mundo

vivido pelo educando (microcosmo), como forma de criar e recriar a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas.

Dessa forma, a idéia de educação tem como centro o pensamento de Freire (1994). Para ele, o processo educativo apresenta-se diretamente relacionado à realidade do educando, ou seja, deve partir da decodificação da realidade, abrindo espaço para a sua superação. Dessa forma, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Partindo-se do conhecimento do espaço cultural do educando, é possível levá-lo a novos horizontes de acordo com seus sonhos e suas necessidades. A linguagem e a realidade nunca podem ser analisadas isoladamente, seja qual for a modalidade de ensino e, principalmente, na Educação de Jovens e Adultos, para que se possa realizar uma compreensão crítica, relacionando texto e contexto.

A partir desse ideário, é possível afirmar a possibilidade de um modelo educativo livre das restrições impostas pela educação bancária em que educar é participar, é compartilhar e vivenciar solidariamente um universo mais amplo. Isso faz parte da própria natureza humana, “satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência” (FREIRE, 1997, p. 98).

Nesse contexto, Freire (1997) trata a educação como algo que pode transformar e reconstruir os indivíduos e a sociedade através de valores éticos e morais. É preciso desenvolver uma prática educativa desocultadora, libertadora e acreditar que é possível mudar a realidade que nos é imposta: uma prática voltada para o social, para o crescimento de si próprio e do mundo, em que

se possa contribuir para a transformação da sociedade, formando cidadãos conscientes e por si também agentes de transformação.

OS SUJEITOS DA EJA

1. O PROFESSOR

Antes de analisar as respostas e os respectivos resultados da pesquisa, buscaram-se reflexões sobre o professor e sua relação com a EJA. Nestas, levantam-se algumas questões, tais como: para quem se ensina enquanto se é professor de uma escola? Como é esse aluno? Para que alunos o professor é preparado para ensinar? Se o aluno for considerado como sujeito social, histórico e cultural e não um aluno ideal, universal, ele será avaliado como um ser com toda a sua diversidade, presente nos diferentes alunos e salas de aula, nas diferentes escolas e modalidades de ensino. Quando o professor encara o desafio de abraçar a EJA, isto é, imbuir-se de uma proposta pedagógica e atuar como professor dessa realidade, aos poucos, precisará considerar a heterogeneidade desse público, quais seus interesses, identidades, preocupações, necessidades, expectativas em relação à escola, habilidades, vivências, enfim, é fundamental perceber quem é esse sujeito com o qual se lida, para que os conteúdos a serem trabalhados façam sentido, tenham significado, sejam elementos concretos na sua formação, instrumentalizando-o para uma intervenção significativa na sua realidade.

Ser professor de adultos exige muita paciência, pois se trabalha com pessoas de opiniões muitas vezes consolidadas, difíceis de serem transpostas ou discutidas. Também é preciso ser bom na arte de se rela-

cionar e interpretar os desejos e dificuldades deste perfil de aluno. Os alunos têm virtudes, capacidades e limitações, como todos. Para o professor dessa modalidade, são importantes as seguintes características: espírito de pesquisa; prática pedagógica referencial para constante atualização; hábito de registrar constantemente sua prática pedagógica a fim de sistematizá-la e refleti-la constantemente; disponibilidade de horário, especialmente no turno da noite; capacidade de elaborar projetos que permitam atuação interdisciplinar, partindo de sua área de atuação, tendo como base a proposta pedagógica do grupo; visão do trabalho coletivo; relação pedagógica, educador(a) e educando(a), a partir da troca de conhecimentos, ou seja, uma relação horizontal e não vertical; aberto a aprender com o propósito de buscar o autoconhecimento, visando a uma transformação de qualidade de vida própria e do educando; capacidade de conviver com as diferenças, sem anular-se, mantendo a liberdade e autonomia de ser professor, de se expressar e agir por si mesmo; liberdade e autonomia para o exercício de sua profissão; aberto à avaliação constante de sua prática dentro dos princípios de participação e pesquisa; facilitador da aprendizagem e mediador do conhecimento, entre outros.

O professor de adultos é privilegiado quando não precisa se desgastar para manter a disciplina e não precisa convencer seus alunos da importância de estudar, mas encontra em sua tarefa a dificuldade de trabalhar com pessoas que estiveram, por um longo período, longe da escola.

Então, a questão da formação (inicial, continuada, apoiada na pesquisa rigorosa sobre

as especificidades da educação de jovens e adultos) merece destaque, visto que novas e antigas gerações de educadores trazem uma visão academicista da cultura escolar, que pensa o currículo na lógica disciplinar seriada e cumulativa e a avaliação como julgamento das competências dos educandos, ao invés de registro e acompanhamento do processo que ilumina a revisão da prática.

Diante do exposto, relatam-se, a seguir, os resultados e as análises da pesquisa, realizada em duas escolas de Santa Maria, uma de Faxinal do Soturno e uma de Nova Palma, através de um questionário para alunos e professores do Ensino Fundamental da EJA. A identificação das escolas será feita respectivamente da seguinte maneira: E1, E2, E3 e E4. No total, foram obtidos dezesseis questionários de professores e setenta e cinco de alunos.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Perfil dos professores pesquisados¹

A maioria está na faixa etária de 36 a 40 anos (37%) e, acima de 40 anos, (25%). A grande maioria é do sexo feminino (87%) e o estado civil é o de casado (68%).

Em relação à formação, os professores pesquisados têm *graduação* (56%) e *especialização* (38%) (Figura 1).

O tempo de serviço que prevalece é de *mais de 10 anos* (38%) (figura 2). O regime de trabalho mais citado é de *31 a 40 horas* semanal. *Participaram de cursos de Formação Continuada e Especialização*, comprovando que há grande interesse em se aperfeiçoarem e desenvolverem novas perspectivas para a

modalidade de ensino em questão. Considera-se esse comportamento muito importante para os profissionais, uma vez que estão sentindo necessidade de investir em formação.

A maioria considera a *EJA como formação integral*. Na E3, os professores relacio-

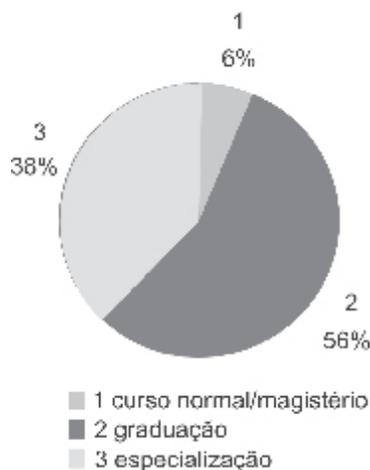


Figura 1: Formação dos professores pesquisados nas escolas de Santa Maria, Faxinal do Soturno e Nova Palma - 2005.

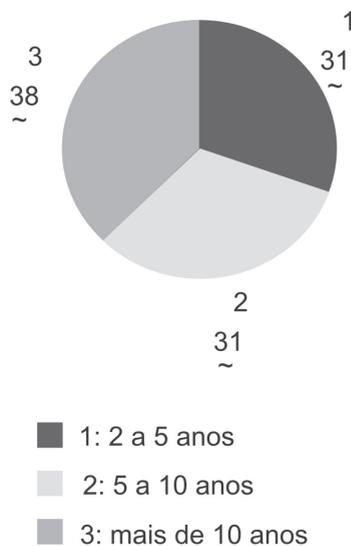


Figura 2: Tempo de serviço dos professores pesquisados nas escolas de Santa Maria, Faxinal do Soturno e Nova Palma - 2005.

¹ Total: 16 professores.

nam a EJA como suplência, uma vez que os alunos buscam a EJA só para receber o certificado. Sobre essa questão, vale lembrar Freire (1999), pois educação é “uma forma de intervenção no mundo” (p. 110).

No entanto, os professores em relação à *funcionalidade* da EJA citam a falta de clareza a respeito das leis, falta de formação continuada e de metodologias adequadas para dinamizar a prática pedagógica. Em contrapartida, há professores na escola E3 que observaram correspondência da EJA com seus interesses enquanto professores.

Em relação à *metodologia* utilizada, percebe-se diversidade de situações que vão desde métodos que propiciam o crescimento integral, relacionados à realidade dos alunos, metodologias diferenciadas, mas ainda arraigadas ao ensino regular. Para isso, professores de uma escola demonstraram necessidade de aperfeiçoamento, como fazer especialização.

No que diz respeito a *propostas pedagógicas* diferenciadas, há algumas significativas, mas ainda não estão adequadas à realidade de EJA. Uma escola também citou que a iniciativa de uma proposta diferenciada foi barrada pelos órgãos oficiais.

Quanto às *expectativas*, os professores manifestaram a necessidade do contínuo aperfeiçoamento, interesses e necessidades dos alunos, conteúdos programáticos relacionados com suas vivências.

Assim, os professores pesquisados afirmam que é um grande desafio trabalhar na EJA, porque a prática precisa ser aperfeiçoada na busca de um desenvolvimento do aluno e do professor. Nesse sentido, tem-se, em Freire, ensinamentos para configurar a escola para jovens e adultos:

Freire defendia uma luta que exigisse clareza política e competência científica, além de coragem e disposição de todos que fazem a escola no sentido de transformá-la num espaço democrático, competente, bem equipado, bem cuidado, bonito e alegre. (MOURA, 1999, p. 76).

Dentro dessa perspectiva, os professores trabalham com a EJA, acreditando numa educação que corresponda às necessidades e ansiedades do aluno.

2. O ALUNO

Os alunos da EJA, na sua grande maioria, são aqueles que pararam os estudos para se dedicar ao trabalho e à família. Alguns sentem-se deslocados no ensino regular e buscam, na EJA, atenção especial ou conclusão rápida do ensino fundamental e médio. Para estes, a EJA não ultrapassou os limites da suplência.

Existe algo que os alunos necessitam de imediato para melhor responderem aos anseios dessa modalidade: a motivação. Para o adulto a melhor motivação vem das palavras de alento e valorização – “Muito bem!”, “É isso aí”, “Você vai conseguir” e outras. Esse tratamento desenvolverá nele a autoconfiança, elevará sua auto-estima e fará com que encontre o caminho do conhecimento sistematizado.

Muitos alunos desistem da escola, porque acreditam que realmente não são capazes de aprender, já estão ultrapassados e acabam achando tudo muito difícil. A melhor forma de contribuir para o processo de construção dos seus conhecimentos é sempre destacar os acertos, os seus progressos.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Perfil dos alunos pesquisados²

É uma população jovem que frequenta a EJA na grande *maioria*, pois 52% tem até 25 anos (Figura 3). Também prevalece o *sexo feminino*: 57%. O estado civil dos alunos diversifica-se, mas predomina o de *solteiro*.

Na figura 4, chama atenção o tempo que os alunos pesquisados deixaram de estudar: *mais de 15 anos* (32%). Essa realidade pode trazer dificuldades em relação à aprendizagem.

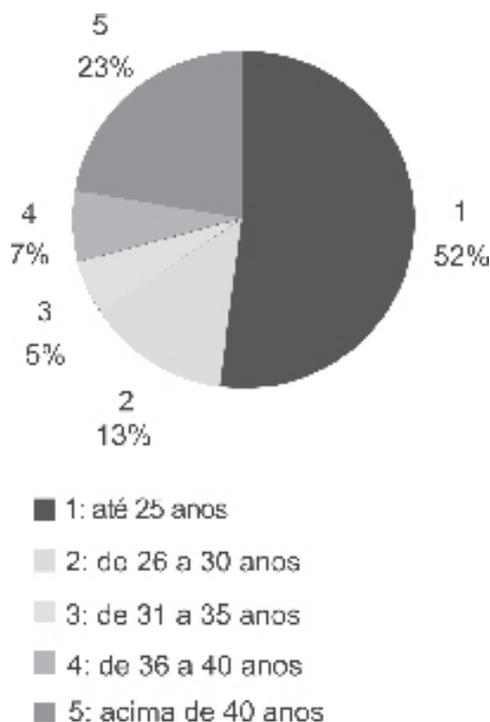


Figura 3: Idade dos alunos pesquisados nas escolas de Santa Maria, Faxinal do Soturno e Nova Palma - 2005.

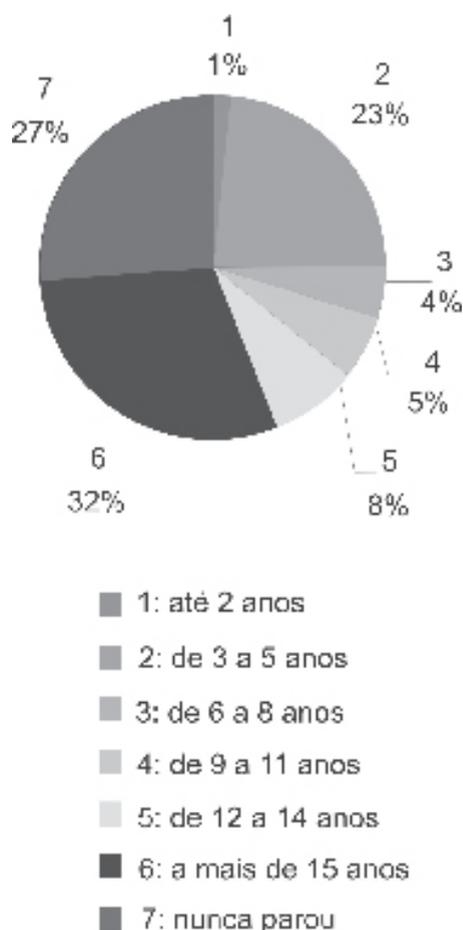


Figura 4: Tempo que os alunos pesquisados nas escolas de Santa Maria, Faxinal do Soturno e Nova Palma deixaram de estudar - 2005.

A figura 5 traz dados muito interessantes, porque mostra onde os alunos buscam informações. A *televisão* foi a mais citada, e isso pode ser aproveitado em aula procurando conscientizá-los do instrumento ideológico que representa (GUARESCHI; BIZ, 2005).

² Total: 75 alunos.

1º	Televisão
2º	Jornais
3º	Amigos
4º	Rádio
5º	Revistas
6º	Outros

Figura 5: Como os alunos pesquisados nas escolas de Santa Maria, Faxinal do Soturno e Nova Palma buscam informações – 2005.

Em relação ao ingresso na EJA, vários foram os posicionamentos dos alunos: *várias repetências; por ser mais rápido; para estudar e aprimorar-se nos estudos; para ter mais conhecimentos; para terminar de estudar e entrar mais rápido no mercado de trabalho; vontade de aprender, recuperar o tempo perdido, pela idade; por falta de tempo para estudar de dia; pela indisciplina no diurno; para chegar até a faculdade; para conseguir ou manter-se no emprego; para ajudar os filhos; para conseguir estágios; para assinar a carteira de trabalho; para aumentar a auto-estima; para ajudar no dia a dia; por ser mais fácil, rápido e descomplicado; para terminar os estudos, ter um emprego melhor, fazer um concurso e ganhar salário decente.*

Analisando as falas dos alunos, percebe-se a grande preocupação com o mercado de trabalho, porque já se conscientizaram de que, sem conhecimento, hoje é difícil ingressar ou manter-se no trabalho. Vieira Pinto (2003, p. 69) expressa a relação do humano com o trabalho.

O autor refere-se às tarefas (os desafios) que a sociedade requer do indivíduo, durante a sua existência vão mudando de conteúdo e significado com seu desenvolvimento, orgânico

e psicológico, o qual lhe confere em cada etapa de sua vida distintas capacidades de ação e de trabalho (PINTO, 2003, p. 69).

Os alunos da EJA, na visão da sociedade, dizem: *“um aluno normal, estudante, como todos os outros; muito bem, até recebi elogios pela minha atitude; sem nenhum preconceito, mas em relação a trabalho não somos aceitos; com entusiasmo e incentivo por todos; como uma pessoa que luta e busca pelo conhecimento; vitoriosos por regressar à escola; como pessoas que estão em busca de oportunidades; muito bem porque hoje todos sabem o que significa a EJA; como alguém que quer terminar os estudos e progredir; sinto-me apoiado e incentivado, principalmente pelos familiares; com pouco aprendizado e por isso com pouca chance de emprego; como um exemplo para os jovens devido a minha idade.*

Pode-se observar que a sociedade já valoriza esses alunos que buscam conhecimento para vencer os desafios da sociedade, mas, por outro lado, ainda existe preconceito em relação às possibilidades e capacidades, principalmente ligadas ao emprego.

Em relação às mudanças ocorridas pós-ingresso na EJA, os alunos se manifestaram da seguinte maneira: *Sentir-se mais capaz; fazer amigos; a auto-estima cresceu; aprendi muitas coisas; hoje sou uma pessoa informada; mais sabedoria e incentivo para lutar por meus objetivos; Voltei a pensar melhor, trabalhar melhor, lidar melhor com as pessoas; consegui uma promoção no emprego; meus caminhos se abriram tanto na vida como na profissão; mais valorização no trabalho; hoje estou fazendo até informá-*

tica; tudo mudou para melhor e tenho muitas expectativas; mais consideração, pois antes as pessoas me discriminavam; mais possibilidades de cursos; maior frequência.

Os alunos sentem-se mais integrados na família, na escola e na sociedade. Os próprios alunos perceberam a mudança e a melhora no trabalho e nas relações. Com o estudo, várias oportunidades surgem em sua vida. Moura (1999) considera que, a partir da apropriação do conhecimento, o sujeito chegará a diferentes níveis de aprendizagem, possibilitando a tomada de consciência de suas ações de forma planejada, deliberada, tornando-se autor de seus próprios projetos de vida.

As expectativas dos alunos pesquisados em relação à aprendizagem são boas (46%) e excelente (29%). Essas são características do aluno adulto que, depois que se motiva a estudar, não quer mais parar.

As escolas pesquisadas na visão dos alunos estão oferecendo um ensino de qualidade (71%) e de acordo com os interesses dos alunos. Da mesma forma os alunos percebem o comprometimento da comunidade escolar: muito boa (37%) e excelente (32%). Já em relação à infraestrutura, a opinião dos alunos variou entre boa (42%) e excelente (22%), havendo ainda quem respondeu insuficiente (7%).

A proposta educativa para os alunos varia entre muito boa (45%), excelente (27%) e boa (24%). A metodologia de trabalho dos professores é vista como excelente (40%), boa (37%) e muito boa (19%).

Portanto, nesses últimos dados, referentes à qualidade, metodologia e infraestrutura, percebe-se que as escolas estão caminhando para um ensino com mais qualidade.

Acredita-se que, com investimentos na formação continuada de professores e na infra-estrutura das escolas, melhorará o ensino e a aprendizagem na EJA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade das escolas, antes da implantação da EJA, era muito diferente, havia muito desinteresse dos alunos e de alguns professores do ensino noturno. Hoje, essa realidade melhorou, porque muitas vezes dá lugar a um ensino que valoriza o ser e sua vivência, envolvendo o saber do aluno, da escola, da comunidade e o conhecimento científico.

Ficou evidente, no decorrer desta pesquisa, que a EJA é alternativa para o ensino noturno, pois não há mais professores preocupados em vencer conteúdos, mas, sim, um razoável grupo de professores e alunos preocupados em debater assuntos ligados ao contexto vivenciado, em classes heterogêneas, em que todos colaboram para a aprendizagem. Há mais troca de experiência e, conseqüentemente, de conhecimentos. Muitas vezes, a escola apenas formaliza um saber que existe na nossa comunidade, isto é, interpreta-o com uma outra linguagem (linguagem científica). Em relação às mudanças que ocorreram nas escolas, sem dúvida, mudou bastante o interesse tanto do aluno quanto do professor em todos os aspectos que dizem respeito à vida. Hoje, alguns professores confessam que se dedicam mais, pois têm a recompensa da participação do aluno.

Por outro lado, existem problemas que não podem ser negados, como, por exemplo, o fato de nem todos os professores sentirem-se comprometidos, principalmente com as

atividades integradoras. Existem alunos que apenas buscam na escola o certificado de conclusão, o mais rápido possível.

Sem dúvida, a maior preocupação ainda reside no campo metodológico. Qual a metodologia ideal para trabalhar com a EJA, considerando a diversidade de nossos alunos e, ainda, o tempo e a frequência? Daí a necessidade de os professores trabalharem com metodologias de aprendizagem diversificadas que oportunizarão observar a sua trajetória educativa.

Segundo os depoimentos, visíveis mudanças de aproveitamento e de interesse foram constatadas nos alunos que frequentam a EJA, pois essa oportunidade reflete a vida pessoal através da auto-estima, mediante a promoção no emprego e na família, como o reconhecimento e a valorização dos filhos.

O ensino na modalidade EJA está tendo resultados positivos, porque os professores têm a garantia de estudar. Quanto ao trabalho da EJA, percebe-se que há um empenho em trabalhar com temas de acordo com a realidade dos alunos e a metodologia se dá através da troca de experiência, a qual facilita a solução de problemas e a motivação dos professores.

Pelo fato dessa modalidade ter sido oferecida recentemente, percebe-se que, ainda, em alguns aspectos, pode haver melhorias com reuniões, seminários e troca de experiências, como o relacionamento, a vida em comunidade, as emoções, os conflitos, a prática interdisciplinar, os valores, enfim, seu processo de construção e reconstrução é permanente, pois se busca uma educação capaz de estimular a imaginação e a criatividade dos alunos. Nessa visão, a educação é parte de um todo e, através da compreensão

da totalidade, estrutura-se o ensino de forma global, em que os saberes são construídos a partir da ação-reflexão-ação.

Considerando que os alunos da EJA são diferentes dos alunos do ensino regular noturno, por serem jovens e adultos trabalhadores, maduros, responsáveis e com experiências de vida, as escolas que oferecem essa modalidade de ensino, ofertando um currículo mais flexível, metodologia diversificada e avaliação processual, sem dúvida, vêm atendendo às expectativas da comunidade escolar, isto é, abandonar o estágio de suplência e lutar por uma educação de qualidade.

Diante da proposta e das informações obtidas durante a realização deste trabalho, surge a preocupação de melhorar a imagem e a credibilidade do trabalho da EJA, mas, para isso, temos uma longa e árdua caminhada, que marca uma trajetória de muitas conquistas e avanços. O importante é que tenham em mente o que se quer e o que não se quer, reside aí a questão: Formação Integral ou Suplência?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Brasília: Senado Federal, 1988.**

_____. **Lei 9.394/96** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Brasília: Senado Federal, 1996.**

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer de 10 de maio de 2000.** Estabelece as Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos.

_____. **Resolução n. 01 de 5 de julho de 2000.** Estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1994.
- FRIGOTTO, G. (Org). Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito, In: **Educação e crise do trabalho.** Perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, I. E. **Educação de jovens e adultos:** teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2001.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GUARESCHI, Pedrinho A; BIZ, Osvaldo. **Mídia & democracia.** Porto Alegre: P. G., 2005.
- HADDAD, Sérgio. **Estado e educação de adultos (1964- 1991).** Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- MARASCHIN, Mariglei Severo. **Formação de professores e desenvolvimento profissional na educação de jovens e adultos.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSM, Santa Maria, 2006.
- MATURANA, Humberto. **Árvore do conhecimento.** São Paulo: Editora Psyll, 1995.
- MINAYO, Mari Cecília et al. **Pesquisa social.** Teoria e método criativo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MORIN, Edgar. **Educação e complexidade:** os sete saberes necessários e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2004.
- MOURA, Tânia Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos:** contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió: EDUFAL, 1999.
- SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de jovens e adultos** (Diretrizes Curriculares Nacionais). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- TRIVIÑOS, Augusto N. da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIEIRA, Álvaro Pinto. **Sete lições sobre educação de adultos.** 13. ed, São Paulo: Cortez, 2003.
- Gil, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas 1995.